JOSÉ DE FOGO

(JOSÉ SOARES DE SOUZA)

POR

EUSEBIO DE SOUZA

O nome que epigrapha estas linhas possue titulos de sobra para reclamar a justiça dos pósteros.

Nada se disse, entretanto, até hoje sobre a vida desse homem, que foi um grande, e cujo renome, em nossos dias, criminosamente se tem restringido a um circulo assaz diminuto de admiradores, que conhecem do valor de seus feitos em condições de serem postos em parallelo com muitos outros de estrellas mais fulgurantes.

Sua obra não é pequena. Reivindical-a para a historia, que lhe está a dever uma das suas paginas fulgentes, é nosso intuito. Elle bem o merece.

Na sua individualidade se lhe ajusta o que disse o espirito lucido de Pedro de Queiroz da vida de um militar bravo e illustre, por muitos titulos, cujos actos são dignos da admiração de um povo, por que elle soube elevar o nome da patria na altura que ella o reclama (1).

---

(1) Pedro de Queiroz—*Fragmentos* (*1915*) *Clarindo de Queiroz* (*7*) *pag. 22.*

«Nasceu obscuro, em canto ignorado de sua terra—não conheceu os frouxeis de um ninho macio. Nas tradições, porém, de sua familia, que enraiza no passado, encontrou estimulos que lhe povoaram a mente de sonhos dourados. Quiz ser grande e o foi. Fitou a sua estrella e seguiu caminho com a coragem de um cruzado. Nunca arrefeceu, e nunca passou por sua alma de crente o sopro do desalento. Subiu, subiu das abas da montanha a seus pincaros, onde viceja a fina flôr das consagrações da tenacidade do valor.

Não será difficil uma justificativa».

***

José Soares de Souza Fogo nasceu na fazenda *S. Francisco*, do termo do Ipú, pelo anno de 1840.

Filho de Felix de Souza Soares e d. Anna Rodrigues de Farias, descende, por linhas ancestraes, de veneraveis troncos da terra Ipuense.

De educação, porém, rudimentar, propria do meio nullo de seu nascimento, começou logo em criança á cercar a sua rustica personalidade da auréola da fama que mais tarde o havia de tornar celebrisado e repercutiria ainda, como effectivamente repercutiu, nessa gloriosa campanha travada nos campos do Paraguay com as hostes inimigas de Solano Lopez, o ferrenho adversario que teve o Brasil na sangrenta phase de seu Imperio —periodo de 1865—1870.

Ao nome de familia Souza Soares ajuntaram-lhe a alcunha de *Fogo*, que o levou ao tumulo, e pela qual se tornou conhecido, nascida do seu proprio eu, das muitas diabruras em que se vira envolvido, demonstrando o typo, além do commum, de um menino audaz, sagaz, atilado e por vezes atrevido, caracteristico, aliás, de alguns membros de sua numerosa progenie, entre outros o legendario *Bello Farias* —Delmi-

ro Porphyrio de Farias —, seu primo, morto gloriosamente na guerra, que tanto fez sobresair José de Fogo.

Da vida accidentada desse heróe são muitos os episodios denunciativos de sua coragem desmedida.

De um seu contemporaneo conseguimos obter as seguintes notas:

«Quando adolescente, ninguem o excedêra em audacia nos mais arduos mistéres da vida sertaneja. Havia mesmo nos seus actos requinte de temeridade em que poucos dos seus camaradas ousavam imital-o. Nas vaqueijadas escolhia o cavallo mais rebelde, que atirava contra o barbatão mais arisco, e, de preferencia, no mais cerrado e accidentado das caatingas.

Desde mui criança o chamavam *Zé de Fogo,* por que era mesmo um *fogo* nas traquinadas e até no aspecto de menino rubro, alourado e no tom castanho amarellaço dos olhos pequeninos.

Uma que ouvi, mais de uma vez — fala o nosso informante — é caracteristica: Na fazenda *Evangelina* abriam os vaqueiros a porteira do curral para deixar voltar ao campo um grande lote de cavallos nedios e bravos, que alli fôra necessario recolher durante horas. *Zé de Fogo* que, previamente, se trepara n'um dos mourões, com horror dos circumstantes, precipitou-se como um gymnasta sobre o dorso de um tourudo poltro amansadouro. O animal disparou furiosamente e como um raio atravessou o vasto pateo sumindo-se no matto. Loucura assim não se imaginava. Mas, horas depois, aquelles que consternados davam por morto o pobre rapaz, viram-n'o chegar, no alpendre, cavalgando o dito poltro. Tendo-se a principio agarrado ás crinas como unico governo, resistira a todos os saltos, e quebradas as forças ao bicho, tivera artes de applicar-lhe, á guisa de rédeas, um cipó forte e flexivel.»

Dessa proeza valeu-lhe o appellido de seus ultimos dias.

Homem desse quilate não podia deixar de alistar-se nas fileiras dos primeiros que marchassem para a primeira guerra que apparecesse. Foi o que fez *Zé de Fogo*, quando rebentou a guerra do Paraguay em 1865».

Contava o sr. Antonio Bricio de Carvalho, antigo tabellião que falleceu como solicitador dos feitos da Fazenda Estadoal, amigo de José de Fogo desde a infancia, este engraçado episodio: «Quando elle, mettido n'um pàlitot e calças de brim amarello e todo *rosalgar* e afogueado, foi entrando na sala onde os voluntarios se alistavam, dentre os muitos assistentes que estavam tristonhos e silenciosos, disse um de repente e com sal: «*Lá vem o diabo!* . . .» e todos cairam na gargalhada».

De sua vida na campanha são falhos os dados, e por maior que fosse o nosso esforço nas pesquizas, a respeito, nada conseguiriamos alcançar se não surgisse a bôa vontade do major Pedro de Araujo Sampaio, como *Zé de Fogo* official honorario do exercito e uma das reliquias das legiões de bravos, que—extranho contraste!—o Imperio *liberal* enviara contra uma Republica de *escravos!*

O actual desembargador Felix Candido de Souza Carvalho, luminar do Tribunal da Relação do Estado e parente do biographado, conta delle o seguinte facto:

Um dia, pelos fins do anno de 1885, ainda estudante, e em companhia de seu collega dr. Antonino da Cunha Fontenelle, visitando o inclyto general Tiburcio, então commandante das armas em Recife e companheiro de *Zé de Fogo* na campanha, foi interpellado pelo grande cearense.

—E' do Ipú, no Ceará? Tem Souza? E' accaso parente de Souza Fogo? . . . E disse umas breves palavras do que elle chamava *Souza Fogo*.

A educação militar de então era, pode-se dizer, unicamente da bravura. Era de que dispunha na campanha o rustico ipuense. A poucos incumbíam as-

sumptos de technica, de tactica, de diplomacia. A elle, como ao grosso da propria officialidade, o officio, a tarefa era só destruir o que as tacticas indicavam para ser destruido.

D'uma feita o general Osorio, depois marquez do Herval, o reprehendeu, posto que em bons termos, porque, tendo dito o referido general, como que em monólogo ao dar com um corrego profundo:—«*Oh! e aqui como se passa?*»—*Zé de Fogo*, dizendo:—«*E' assim*», atirou temerariamente ao corrego o cavallo em que montava.

O capitão José de Fogo, tendo feito todo o serviço da guerra, deixou a actividade do exercito e metteu-se em especulações no Rio de Janeiro, onde, como audaz, foi ajudado da fortuna no commercio de escravos, então em moda. O seu genio condescendente e cheio de rasgos não permittira-lhe, porém, manter-se em prosperidade.

Estivera no Ceará acredita-se que pela ultima vez, no anno de 1894. Em Fortaleza, nesse anno, installara-se no primeiro quarteirão lado oriental da rua Bôa-Vista, hoje Floriano Peixoto: Robusto, musculoso, forte, estatura mediana, desempenado, andar firme, pouca barba, affavel, conversador, voz timbrada e não muito cheia.

No governo da Republica fôra encarregado de u'a missão importante, qual a de descobrir nas immensas florestas do Amazonas, então ainda mais inexploradas do que hoje, o paradeiro dos restantes membros de uma commissão de engenheiros, que por alli se transviara nos ultimos mêses do governo imperial.

José de fogo, chefiando certo pessoal, conseguiu, após grandes difficuldades, inclusive a lucta com os indigenas, encontrar alguns sobreviventes da alludida commissão, os quaes só então, pasmos, souberam da proclamação da Republica no Brasil

Nota curiosa: o engenheiro-chefe dessa commissão estava de tal forma dominado por um sargento

do exercito a ella addido, que se convertera em seu humilimo escravo.

Custou a José de Fogo fazer perder ao sargento os habitos que adquirira de rispido amo de seu chefe e ao engenheiro o servilismo para com o seu subordinado.

Na vida de muitos mêses na floresta d'onde nem esperavam mais sahir, os papeis se haviam trocado, com desvantagem para o que agora capitulara ante a audacia do outro O capitão Fogo notara logo tal anomalia, pois, no momento em que com a sua comitiva deu no rancho dos transviados, o sargento se balançava n'uma rêde, emquanto o engenheiro catava páus para alimentar o fogo!

«Um dia n'um rancho, sob arvores, na longa travessia de regresso—fala o proprio capitão Fogo – notei que o doutor querendo passar por baixo do punho da rêde do sargento, fazia grande esforço de agachamento, emquanto o sargento a fumar e a pilheriar, não procurava de modo algum facilitar a passagem do seu chefe. Cortei o punho da rêde ao sargento que caiu e foi como preso que continuou a acompanhar-nos até Manáos».

Dessa commissão do capitão Souza Fogo falam os jornaes de então, nomeadamente os do Ceará, de 1891 em diante.

Das notas fornecidas pelo major Pedro de A. Sampaio, o qual, muito após a guerra—mór parte da qual serviram no mesmo batalhão—, mais estreitou com elle os laços da affeição, casando-se com uma sua prima, colhe-se o seguinte:

José Soares de Souza Fogo, em 6 de Abril de 1865, como segundo sargento seguiu do Ceará com destino ao Paraguay no primeiro contingente sob o commando do coronel José Nunes de Mello.

Ha quem affirme, porém, ter-se alistado elle, como voluntario, em Sobral, seguindo dessa cidade para a guerra em um contingente do commando do

major José Peregrino Viriato de Medeiros, naquelle mesmo anno (2).

Em Julho de 1865 embarcou para o sul alistado no batalhão 26.º organisado com voluntarios do Ceará, o qual foi acampar no Salto, territorio argentino. D'alli saindo, foi o batalhão após longa marcha acampar á margem direita do rio Paraná em frente á ilha da Redempção. De 15 para 16 de Julho de 1866 uma columna do exercito, inclusive o 26.º, embarcou nas *Três Boccas*, do rio Paraná passando para o territorio paraguayo ás 6 horas da manhã de 16, ferindo-se alli os combates de 16 e 17 de Julho em frente ao forte de Itapirú. No dia 18 do dito mês acampou o 26.º no Passo da Patria. Seguidamente tomou parte no combate de 2 de Maio no Estero-Bellaco, na grande batalha de Tuyuty (24 de Maio); de 6 de Dezembro (ponte de Itororó); 21 a 27 de Dezembro (Lomas Valentinas). A 5 de Janeiro de 1867 seguiu para Assumpção. Sendo o batalhão 26.º dissolvido em 13 de Dezembro (1867) depois da batalha de Viletta, passou Souza Fogo a pertencer a outros corpos até o fim da guerra. O batalhão 26.º de voluntarios foi reorganisado após os ultimos combates da campanha das cordilheiras dirigida por Sua Alteza o Principe Conde D'Eu e sendo então José de Fogo requisitado pelo Quartel General estacionado na cidade argentina do Rosario passou a pertencer-lhe novamente. Com este batalhão chegou ao Rio de Janeiro a 13 de abril de 1870.

Os seus actos de bravura são incontestaveis na historia dessa jornada gloriosa para as armas imperiaes. Os seus diversos chefes militares o proclama-

---

(2) O coronel J. Brigido em seu *Resumo chronologico para* a Hist. do Ceará e o Barão de Studart nas suas *Datas e Factos* dão embarque desses contingentes de voluntarios como sendo realisado: o do coronel José Nunes de Mello em 6 de Abril e o do major José Peregrino Viriato de Medeiros em 20 de Maio de 1865.

ram herôe promovendo, como promoveram, a sua condecoração de cavalheiro da Ordem da Rosa, com medalha de merito militar de campanha n.º 5 e com as medalhas da Conferação Argentina e do Uruguay (3).

O batalhão 26.º de voluntarios chegou ao Ceará em 30 de abril de 1870, «em cuja cidade de Fortaleza desembarcou festivamente sob um diluvio de flôres e atravez das mais enthusiasticas ovações populares», vindo sob o commando do valoroso e destemido coronel de então Tiburcio de Souza.

Em 14 de maio desse mesmo anno foi dissolvida essa gloriosa unidade—como hoje se diria—do exercito nacional e dispensados do serviço os seus valentes officiaes.

«No Brasil não se tinha então gosto algum para empunhar armas em tempo de paz. Preferia-se a enxada ou de qualquer modo exercer a actividade em funcções outras que adoçassem os costumes trazendo a abundancia e a prosperidade. Não se tinha o *culto* que chegou a ter a celebre maxima bismarkiana do *si vis pacem para bellum,* culto que está desgraçando, na época presente, a Europa civilisada e ameaça universalmente as proprias bases da sociedade actual.

José de Fogo como todos os officiaes, inferiores e soldados dessa pleiade de verdadeiros heróes que foi o 26.º de voluntarios, guardaram as armas no deposito de artigos bellicos, porque embora bem dispostos para outra opportunidade convenciam-se de que agora não tinham que fazer com ellas e atiraram-se ao trabalho Queriam ser não somente consumidores mas tambem productores da riqueza da nação que tinham sabido defender da invasão estrângeira e por cuja integridade haviam derramado o seu sangue numa centena de

---

(3) Na «*Relação dos Cearenses Titulares e Condecorados*», publicada na «*Revista do Instituto do Ceará*», tomos XIV e XV, anno de 1901, da penna do illustrado desembargador Paulino Nogueira, houve omissão do nome José Soares de Souza Fogo.

batalhas Todos voltaram ao officio de simples cidadãos á sombra das leis modestas, mas de verdade d'esse Brasil que tinha seu cambio a 27».

***

José Soares de Souza Fogo casára-se em segundas nupcias e installára-se ultimamente no Pará onde a morte o arrebatou no momento mesmo em que a sua actividade era aproveitada nos serviços da fundação da nova cidade de Montenegro no Amapá.

Nesta ultima phase de sua vida destacou-se sobremodo no extremo norte do paiz. Foi ajudante de ordens do governo do Amazonas, sobresaindo-se ainda na chefia de uma revolta para deposição de um governo desse mesmo Estado.

Deixou de existir no anno de 1911 no desfructe de uma pensão que lhe garantia o dec. n.º 1687, de 13 de agosto de 1907, como veterano da guerra do Paraguay, no posto de capitão.

José de Fogo saindo do Ipú, seu berço nativo, em demanda da guerra, não mais voltou a esta cidade. Talvez que os seus conterraneos lhe soubessem render o apreço devido homenageando-o na altura que bem mereciam os seus dignos feitos. Contentar-se-ão, porém, fazendo suas as palavras de um escriptor amigo, em dizer:

«O heróe se foi, mas a sua gloria, que é um patrimonio nosso, nos estende, como a aguia altaneira, as suas asas tutelares».

Ipú, nov.—915.